



## ALÉM DA LATRINA, DA ALCOVA E DO MERCADO: EROTISMOS E VIOLÊNCIAS EM SOCIABILIDADES DE JOVENS EM ESPAÇOS PÚBLICOS

Marcelo Perilo<sup>1</sup>

Universidade Federal de Goiás

gymp3@hotmail.com

*Somente o gueto do Orly nos era permitido, assim mesmo para tirarmos da cidade, e não havia nenhum controle, estávamos absolutamente entregues aos caprichos do caldeirão que era o cinema (...). Eu achava que havia uma intenção em confinar-nos no Orly. Isso facilitava controlar-nos. Lá podíamos atentar bastante contra o pudor e contra a moral vigente, pois estávamos apenas entre nós. Mesmo que o cinema fosse um lugar público, era uma caverna recôndita (Capucho, 1999, p. 92).*

O trecho supracitado é integrante das narrativas auto-biográficas de Luiz Capucho em cinemas pornôns na cidade do Rio de Janeiro, em especial o Cine Orly, onde manteve variadas relações sexuais e afetivas com outros homens. A colocação do autor sobre o desbunde dentro do cinema versus a interdição de suas condutas eróticas na cidade estimulam análise sobre o “controle” de acesso ao “lugar público”, principalmente àqueles/as que “atentam contra o pudor e a moral vigente”. A fim de refletí-lo, considero uma provocação como ponto de partida: e se lacrassem indefinidamente a “caverna recôndita” de Capucho? Ou, ainda, e se fechassem todos os cinemas, bares, saunas, clubes e boates destinados a esses prazeres dissidentes?

Este artigo<sup>2</sup> é uma reflexão elaborada a partir dessa pergunta. Olhar para além da latrina, da alcova e do mercado corresponde ao itinerário do trabalho de campo que realizo na cidade de Goiânia, Brasil, por meio do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. Nesta etnografia, sou conduzido por jovens entre espaços e circuitos de sociabilidade na cidade configurados tanto por

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás; pesquisador do Ser-Tão, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade da UFG; bolsista da CAPES.

<sup>2</sup> Agradecimentos à antropóloga Maria Luiza Rodrigues Souza, minha orientadora, por todo o suporte e cumplicidade. À Isadora Lins França e Regina Facchini pelas atentas sugestões oferecidas nos sucessivos encontros onde pudemos compartilhar nossas pesquisas. A Luiz Mello por ter-me oferecido o livro de Luiz Capucho, bem como por muitos anos de inestimável parceria. A Camilo Albuquerque de Braz por compartilhar de idéias que contribuíram para a presente versão do texto.



erotismos quanto por violências, seja por parte de grupos intolerantes ou das próprias garotas e garotos em suas alianças e tensões internas.

A partir de um parque público, passando por estabelecimentos comerciais e bairros na região metropolitana, coloco em questão dispositivos que restringem a homossexualidade ao âmbito do privado e do segredo. Mediante diálogo com algumas etnografias, verifico como, por que e quem expressa em público a sexualidade como diferença – e, por conseguinte, como estão relacionados neste processo os marcadores de gênero, raça, classe e geração.

### **Além da latrina**

Em 2008 estava num parque bastante freqüentado em Goiânia<sup>3</sup> quando notei um grupo de jovens concentradas/os em uma região do logradouro público. O que distinguia essas/es jovens do restante ali presente era sua indumentária e performance, além dos casais de garotas e de garotos que demonstravam afeto mediante beijos, abraços e mãos dadas. Além de ter meu primeiro contato com esse ambiente notoriamente distinto dos demais locais de convivência homossexual na cidade, pude identificar que aquelas pessoas ali se encontravam a cada domingo, nos períodos vespertino e noturno, não residiam naquela região da cidade e se referiam ao local como Área Fértil, Área VIP ou Área GLS<sup>4</sup>.

Não há como precisar quando foi iniciada a aglomeração dessas/es adolescentes<sup>5</sup> no parque, contudo, o que efetivamente mobilizou a realização da pesquisa foi verificar

---

<sup>3</sup> O parque municipal Sullivan Silvestre, com dezoito mil m<sup>2</sup> e mais conhecido como Vaca Brava.

<sup>4</sup> A sigla GLS, corresponde a “gays, lésbicas e simpatizantes” e passou a ser utilizada por empresários como uma forma de designar casas e locais comerciais, além de produtos e serviços destinados a esse público. Nesse caso, mesmo em se tratando de um ambiente não-comercial, algumas/ns jovens utilizam do “GLS” para identificar ali uma sociabilidade distinta em relação ao restante do parque. O mesmo ocorre com a sigla VIP, correspondente a “very important person” que, nesse caso, tem a intenção de positivar aqueles e aquelas que ali freqüentam. Área Fértil, contudo, é uma referência “nativa” e não tem uma tradução, mas serve para designar as fronteiras simbólicas que separam as/os jovens em questão das demais pessoas e suas modalidades de apropriação do espaço público. Acionarei esses termos na medida em que algumas falas ou situações vivenciadas com as garotas e os garotos demandarem, mas, por ora e em geral, adoto o genérico “Área” para fazer menção ao ponto de partida para meu trabalho de campo e, então, para interpretações presentes neste texto.

<sup>5</sup> A área não é composta apenas por adolescentes, mas quando uso o termo quero fazer menção específica a pessoas que não correspondem à maioria legal. Quando cito jovens, refiro-me a todas e todos que freqüentam a Área, sendo essas pessoas correspondendo à faixa etária entre 13 a 27 anos.



como garotas e garotos realizam uma ocupação periódica deste ambiente para sua convivência, posto que passaram a frequentar um território na cidade para além de onde suas práticas e condutas seriam previstas e, inclusive, toleradas. Trato então de um território diferente daquele que Néstor Perlongher (2008) etnografa na cidade de São Paulo permissível à convivência entre homossexuais desde que circunscritos numa “região moral”, ou seja, um território abrangente onde é construída tolerância a ampla fauna que compõe um “esgoto libidinal” na cidade, como discuto a seguir.

O sociólogo Rogério Araújo da Silva (2006) localiza as mulheres, os michês e as travestis em suas áreas de prostituição em Goiânia relacionadas ao Centro e bairros fronteiriços. Na região onde ocorre o *trottoir* de cada um desses sujeitos em ruas e cruzamentos específicos, constam também estabelecimentos comerciais geralmente destinados ao público homossexual masculino, como bares, boates, saunas e cinemas pornô, sendo apenas bares e boates acessíveis a lésbicas e, dentre esses, um número ainda mais restrito acessível a travestis e transexuais<sup>6</sup>.

A convergência de zonas de prostituição onde também ocorrem encontros entre lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e, ainda, certo tipo de delinquência e marginalidade não corresponde a uma coincidência, mas à constituição de uma “região moral”, como sinaliza Perlongher. A ela se somam não apenas os estabelecimentos comerciais destinados a tal público, mas as ruas, praças e equipamentos urbanos contíguos para encontros e práticas semelhantes àquelas que ocorrem dentro deles.

Seria equivocada uma análise restrita ao binômio público/privado, pois os itinerários das garotas e garotos demandam que o antropólogo as/os acompanhe além da latrina, da alcova e do mercado, ou seja, extravase o “esgoto libidinal”, os ambientes privados e os estabelecimentos comerciais. Tais jovens deslocam-se da “região moral” e mantêm sua demonstração de afeto em público com companheiras/os do mesmo “sexo” e continuam com suas roupas e condutas que desestabilizam coerências entre masculinidades e feminilidades, sendo o auge dessas manifestações a ocupação da Área.

Uma peculiaridades dos encontros das garotas e garotos no parque aos domingos auxilia à compreensão sobre como seus afetos e performances desestabilizam dispositivos que os alijariam dos ambientes públicos para além da “região moral”. Em

---

<sup>6</sup> Há ao menos um cinema pornô no Centro de Goiânia que permite acesso a travestis e mulheres, cujo instigante nome é Cine Santa Maria, como menciona Fernando Matos (2010).



conversa com Tiago<sup>7</sup>, um dos jovens contumazes na Área, perguntei sobre como ocorriam os flertes naquele local. Estávamos sentados à grama quando, pouco depois, o garoto foi galanteado por um rapaz e, num rompante, levantou-se para beijá-lo. Depois de concluir sua interação com o outro garoto, Tiago sentou-se novamente a meu lado e disse, em tom didático: “*Viu como funciona?*”.

A Área é propícia para que garotas e garotos se encontrem com conhecidas/os e, sobretudo, para quem demanda algum lugar onde possa compartilhar com namoradas/os ou companheiras/os esporádicas/os. Essa peculiaridade traz à Área dezenas de jovens, sendo o início de sua aglomeração no parque a partir das 14 horas e se encerrando em meados de 22 horas. No período vespertino o grupo faz da Área uma região circunscrita a alguns assentos de madeira, situados entre o bosque e a sede da administração do parque. A região se expande no período noturno e nesse momento há mais pessoas, intensidade nos flertes e na disposição de jovens em demonstrarem afeto.

O logradouro público em questão é circulado por prédios residenciais e grandes estabelecimentos, como shoppings, supermercados, colégios, hospitais. Em todos os dias da semana, seja no parque ou em suas imediações, circulam muitas pessoas, mas no domingo há um acréscimo de frequentadoras/es de distintas regiões da cidade e com motivações diferentes, como os metaleiros, punks e torcidas organizadas. As/Os jovens da Área passam a concorrer com muitas pessoas um espaço privilegiado e visível na cidade, o que ocasiona uma constante tensão e, conseqüentemente, contribui para a formatação da fronteira simbólica da região que ocupam.

As garotas e garotos estão submetidas/os ao escrutínio de pessoas não afeitas a seus afetos e performances, incluindo policiais militares e guardas municipais. Contudo, ainda que agentes de segurança pública ou transeuntes civis não possam ser entendidas/os necessariamente como ameaça, sua proximidade amplia a possibilidade de conflito com as/os presentes na Área.

As/Os jovens são cientes de riscos a que estão submetidas/os e tentam se organizar para minimizar possibilidades de represálias por conta de sua permanência no local. Num dos momentos na Área, Caio se aproximou de um grupo de pessoas com quem eu conversava e perguntou como estava seu cabelo. Como é praxe, ele

---

<sup>7</sup> Os nomes próprios neste texto estão modificados, portanto não correspondem àqueles utilizados pelas/os garotas/os. Essa escolha implica em sigilo quanto àquelas e aqueles envolvidas/os na pesquisa.



comprecia com um arrojado penteado, mas naquele dia, quando atravessava a avenida entre o shopping e o parque, um homem lhe atirou uma latinha de cerveja que atingiu seu rosto. Após esse ato, o agressor disse aos berros que o garoto era um “*emo da desgraça*”. Caio então nos mostrou a incisão que ainda sangrava em sua fronte por conta do impacto do objeto e perguntei como reagiu, quando disse “*Gravei o rosto dele para mudar de calçada quando o encontrar de novo*”.

Em certas ocasiões, a presença de um grupo agressor incomoda as dezenas de jovens na Área a ponto de fazê-las/os debandar para, pouco tempo depois, reencontrarem-se no mesmo local. Apesar desses episódios, a resignação ou silêncio não são as únicas modalidades de reação capitaneadas pelas garotas e garotos, que não raro confrontam-se com agressoras/es. Essas/es jovens tampouco são alvos exclusivos da violência no parque (ou apenas nele), mas sua presença permite o discernimento sobre como as violências lhes atingem.

Essas garotas e garotos estão protagonizando um deslocamento de suas condutas eróticas para limites até então restritos à “região moral” na cidade e, assim, apropriando-se de um território distinto para usufruto de seus prazeres e lazeres. A ocupação da Área é exatamente o que gera a sanha de muitas e muitos, pois em seus circuitos as/os jovens extravasam a restrita região na cidade onde são toleradas as práticas e performances que mantém. Elas/es não apenas o realizam em público, mas rompendo com mecanismos que poderiam atenuar sua presença no parque, como a discrição, a vergonha, o silêncio, a dissimulação, a invisibilidade e o segredo.

Os sujeitos que gozam de prazeres dissidentes com outros do mesmo “sexo” na “região moral” etnografada por Néstor Perlongher podem realizar aproximações entre si “a partir de um jogo de deslocamentos, piscares, olhares, alusões, pequenos gestos quase imperceptíveis para um estranho, através dos quais se trocam sutis sinais de periculosidade, de riqueza e poder, de libidinosidade, de inteligência” (2008, p. 68).

Na Área operam outros tipos de investimentos de libidinosidade e inteligência. Esse foi o ensinamento que Tiago ofereceu quando, sem reservas, beijou o garoto em pleno parque e perguntou se eu estava entendendo “*como funciona*”: a Área é onde ocorre a explícita materialização da falência dos dispositivos que tem por objetivo a higienização da cidade – frustrados quando não mais efetivos no deslocamento das



condutas e das pessoas disparatadas direto para a latrina ou, como na menção de Perlongher, para um grande e heterogêneo “esgoto libidinal”.

### **Além da alcova**

Na sessão anterior, mencionei o caso da violência sobre Caio, inclusive identificado pelo agressor como “*emo da desgraça*”. O garoto foi entendido mediante categoria que não reivindica, mas essa situação permite sinalizar que a retaliação por ele sofrida está relacionada a suas performances, roupas, acessórios e maquiagem. Além de Caio há outros garotos que também interferem em seu corpo a fim de aproximarem-se de referenciais de feminilidade, mas esse não é um elemento que agrega as pessoas na Área. Não há um grupo homogêneo, mas diversos estilos que coexistem, assim como estratégias que as/os jovens utilizam para transitar entre gêneros ou reforçá-los<sup>8</sup>.

Ainda quem não conheça como as/os presentes se organizam no local, logo notifica operando ali uma “economia da sedução” (LACOMBE, 2009), ou seja, uma rede de relações onde há aproximação ou afastamento entre pessoas por conta de interesses afetivos e eróticos. Além dos beijos e outras demonstrações de carinho entre jovens do mesmo “sexo”, não deixam de existir interações de casais formados por uma garota e um garoto. Não há uma interdição às pessoas heterossexuais na Área, senão uma expectativa ou procura por relações homoafetivas.

Considerando o grupo heterogêneo que a congrega, a Área também é preenchida por tensões e alianças, sendo muitas vezes relacionadas à própria dinâmica do flerte. Em algumas ocasiões os conflitos entre as/os jovens culminam numa modalidade específica de enfrentamento que entendem por *grude*. Essa interação é estruturante das sociabilidades das garotas e dos garotos e, dada a sua relevância, coaduno com Marilyn Strathern para referir-me ao *grude* e termos variantes sem substituí-los por conceitos exógenos, mas buscando “transmitir a complexidade dos conceitos nativos com referência ao contexto particular em que são produzidos” (2006, p. 33).

Paralelo à insegurança com relação a policiais, guardas e transeuntes, há situações onde ocorrem ameaças entre garotas/os. Os efeitos de tensões e alianças entre

---

<sup>8</sup> Paulo em certos domingos comparece trajando bermuda e camiseta cavada. Em outras semanas surge montado com vestido, bolsa, peruca, meia-calça e salto alto atendendo pelo nome de Priscila.



as/os jovens produzem efeitos que precisam ser discernidos daqueles promovidos no contato com agentes externos. Enquanto as abordagens de policiais, guardas municipais e transeuntes podem provocar violência, as garotas e garotos podem recorrer ao *grude*, assim como exemplifico no caso de Caio e Luis.

Em certo domingo, Caio havia informado a seu então desafeto que iria pegá-lo num *grude*, o que significava uma intimidação a sua permanência no parque ao menos naquele dia. Quando Luis me informou sobre o ocorrido, perguntei se ele poderia ausentar-se da Área e, então, evitar o conflito iminente. O garoto respondeu que não adiantava fazê-lo, pois tal medida só retardaria o que estava para ocorrer.

Muitas pessoas estavam sabendo da possibilidade do *grude* e a situação era tensa a ponto de mobilizar dois grupos na Área, cada um favorável a um dos garotos. Caio surgiu com postura altiva cobrando satisfações de Luis e, assim, intensificando a contenda. Rapidamente os dois garotos e os seus ingressaram em um confronto físico, quando as pessoas da Área ficaram em polvorosa – incluindo o antropólogo, que pela primeira vez presenciava um *grude*. A situação foi revertida após membros dos grupos em duelo tentarem separar as pessoas, que já haviam ingressado no embate corporal. Mais dez minutos de diálogos acalorados e acusações e logo a tensão foi dispersa. Cabe destacar que nessa ocasião não houve nenhum tipo de intervenção da Guarda Municipal ou Polícia Militar.

Quem participa da Área sabe que pode ser agente de um *grude* ou, ainda, alvo do mesmo. Algumas pessoas que passam por episódios como esses decidem por se afastar do parque ao menos temporariamente, assim como fez Luis. Essa modalidade de resolução de conflitos é um dos motivadores do desdém que algumas/ns jovens atribuem à Área – sendo a quebra da discrição, do silêncio, da dissimulação, da invisibilidade e do segredo outro motivo alegado para a reprovação do local. Mesmo com críticas, é notório para muitas/os jovens que aquele é por excelência um local privilegiado para sua sociabilidade. Jorge, por exemplo, disse-me que tentou, mas as pessoas que conhece não saem da Área, sendo que muitas delas se encontram apenas neste ambiente.

A predileção pela Área pode ser compreendida mediante colocação de Eduardo: “*A homofobia aqui é menos tensa*”. A afirmação do garoto é peculiar, pois sinaliza que mesmo no parque as pessoas não estão isentas de problemas ou confortáveis por conta



das implicações de sua presença no local. Mas, ainda que tenham construído a Área como um ambiente possível para seus prazeres e lazeres, as garotas e garotos não se restringem a ela para experimentá-los. Na relação que estabeleci as/os jovens, que implica no limite para as interpretações sobre seus circuitos na cidade, pude verificar como elas e eles se articulam em outros espaços, como em seus próprios bairros.

Compareci a uma região relacionada à periferia de Goiânia onde residem algumas das garotas e garotos com quem estabeleci estreito contato no trabalho de campo. Era sábado à noite quando passeávamos durante horas por ruas e praças em dois bairros. O grupo era composto por sete pessoas e, durante nosso percurso, as/os jovens se portavam com performances e indumentárias como as que habitualmente mantêm na Área. Em certo momento, dois garotos disputaram entre si quem permanecia por mais tempo batendo o cabelo<sup>9</sup>. As/Os próprias/os moradoras/es da região não garantiam sua segurança nos ambientes em que freqüentamos<sup>10</sup>, sendo essa tensão não exclusiva daquele horário, daquele local, daquela data, mas uma constante em sua presença ali.

O que essas/es jovens vivenciam durante a semana é potencializado na Área. Enquanto estão dispersas/os e em menor número quando situadas/os em suas regiões de moradia, no parque aos domingos elas/es estão concentradas/os e são dezenas. Ademais, a violência pode afetá-las/os em qualquer lugar, mas preciso frisar que essas pessoas não são inocentes ou alienadas quanto a ameaças que lhe acometem – sequer podem sê-lo –, e são atentas para não perecerem a elas.

Questionar sobre os bairros em que vivem essas/es jovens implica em refletir seus marcadores de classe, o que gera uma delicada relação entre ocultar ou apresentar os dados de suas vidas entre aquelas/es que comungam de espaços comuns com público heterogêneo, como o parque. Além de cursarem o ensino fundamental ou médio em escolas públicas, ou, ainda, terem interrompido seus estudos, muitas/os jovens trabalham. Feirantes, atendentes de supermercado, secretárias/os, costureiras/os, cabeleireiras/os, faxineiras/os, quadros do McDonald's, quem está presente na Área aos

---

<sup>9</sup> Enquanto ouviam *drag music* em altos decibéis, eles faziam uma performance que consistia em manter a cabeça rodando no ritmo da canção enquanto gesticulavam e dublavam a música como duas divas. Quanto mais logos e alisados são os cabelos, mais impactante é o efeito dessas performances.

<sup>10</sup> As/os visitantes daqueles bairros, como eu, notificaram estar sujeitas/os a outra modalidade de tensão: o conflito relacionado ao ingresso de pessoas estranhas em uma área com diversas fronteiras simbólicas estabelecidas por quem lá habita. Foram-nos relatados casos em que amigas/os de jovens em questão apanharam ou sofreram ameaças justamente por não serem pertencentes àquela região.



domingos não é quem reside nos caros condomínios que margeiam o parque, mas quem dele ocupa após amplo deslocamento por meio de transporte público<sup>11</sup> principalmente a partir da periferia e cidades da região metropolitana.

### **Além do mercado**

Os trajetos que as/os jovens realizam na cidade incluem alguns estabelecimentos comerciais, onde buscam modalidades de convivência como as mencionadas na Área e seus bairros. Num perímetro no Centro de Goiânia onde constam saunas para encontros entre homens e bares destinados a gays, bissexuais e lésbicas, há um shopping freqüentado por muitas adolescentes, incluindo minhas/meus colaboradoras/es. Ainda que toleradas/os como consumidoras/es, a segurança do estabelecimento reprende demonstrações de afeto entre pessoas do mesmo “sexo” em suas dependências<sup>12</sup>.

Uma situação semelhante nas tensões entre esse público e ambientes comerciais foi relatada por Thais Coelho da Silva ao observar a concentração de adolescentes no shopping Nova Olaria, em Porto Alegre. Como a administração passou a interditar o próprio acesso das/os jovens por conta de suas performances e afetos, elas e eles passaram a se concentrar às dezenas em frente ao estabelecimento (SILVA, 2008). As/Os colaboradoras/es da pesquisadora, assim como as pessoas da Área, eram em sua maioria advindos de bairros da periferia. Em seu turno, Regina Facchini identifica na etnografia que realizou na cidade de São Paulo alguns ambientes – para além de bares e boates – freqüentados por pessoas mais jovens e com menor poder aquisitivo. A antropóloga identifica que em algumas ruas e shoppings da cidade esse público pode realizar o que chama de “paquera adolescente” (FACCHINI, 2008).

Assim como ocorre com as pessoas da Área, nas pesquisas das autoras mencionadas é também recorrente uma série de conflitos entre jovens que estão em

---

<sup>11</sup> Observo os edifícios com vista para o parque e questiono-me sobre onde estariam as/os adolescentes que ali residem, pois não estão com as/os jovens da Área. Essa questão pode motear outra pesquisa que teria por objetivo verificar como e onde ocorrem as sociabilidades de adolescentes de classes média e alta.

<sup>12</sup> Em 2009 presenciei uma manifestação protagonizada por adolescentes que reivindicavam respeito a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais neste local, o “Banana Shopping”. Apesar deste episódio, a administração não cedeu e, inclusive, instalou placas pelo local onde ainda se lê o artigo 233 do código penal brasileiro: “Praticar ato obsceno em lugar público, ou aberto ou exposto ao público. Pena: detenção, de três meses a um ano, ou multa”. Quem define ou interpreta o que é ato obsceno é o shopping, que permite beijos e mãos dadas apenas entre heterossexuais.



espaços públicos ou, ainda, em tensão com a administração de estabelecimentos comerciais que desejam freqüentar. Uma alternativa a essa situação em Goiânia são as realizações de matinês abertas a adolescentes em uma boate chamada Total Flex. Quando ocorrem, as festas são agendadas aos domingos das 15 às 21 horas e para receber o alvará para seu funcionamento, as/os organizadoras/es precisam cancelar a venda e consumo de bebidas na boate, lacrar o *dark room* e limitar a faixa etária do público. Inicialmente, bastava ser maior de quinze anos para ter acesso às festas, mas em suas últimas edições foi estabelecido também um limite máximo de idade, 21 anos<sup>13</sup>.

Há mais pessoas na boate em relação ao número de freqüentadoras/es regulares na Área, sendo o público da matinê oscilante entre cem a cento e cinquenta pessoas<sup>14</sup> enquanto no parque elas/es são algumas dezenas. A presença de garotas e garotos da Área em festas na boate não significa que as prefiram<sup>15</sup>. Se as matinês ocasionais estão entre as opções das/os jovens, o parque é local privilegiado para seus encontros periódicos. Um chamativo da matinê é a segurança, o que não ocorre na Área, mas, ainda que protegidas/os da violência externa enquanto dentro do estabelecimento, as/os jovens não estão isentas/os das disputas relacionadas ao *grude*. Assim como na Área, tanto os erotismos quanto as tensões estruturam as sociabilidades daquelas/es jovens, o que também ocorre na boate.

Em um domingo de matinê, um de meus conhecidos aproximou-se de mim para despedir-se. Questionei por que ele iria embora, pois faltava ainda uma hora para o encerramento da festa e geralmente as pessoas se mantêm presentes até o desligamento da música. Ele respondeu que um amigo estava na iminência de ser *grudado* e precisavam evitá-lo. Eles conseguiram, mas outros *grudes* eram sondados naquele dia, sendo que ao menos um deles eclodiu. Numa contenda entre dois garotos que

---

<sup>13</sup> Quem por ventura conseguisse burlar essa regra era contatado pela segurança para se ausentar da boate. Em função da etnografia pude ter acesso às matinês quando esse limite máximo de idade foi rigorosamente seguido.

<sup>14</sup> As despesas com as festas são pagas pelo valor cobrado em sua entrada (R\$ 10,00), pois o consumo de água, sucos e refrigerantes, quando ocorre, é mínimo. Em conversas com o operador do caixa da boate ao final de algumas matinês, foram-me apresentadas fichas com os valores gastos dentro do estabelecimento. Quando o público é previsto não é atingido, seus organizadores têm prejuízo, o que não raro ocorre.

<sup>15</sup> Além de um *set* de estilos musicais que incluem *tribal* e *electro house*, *pop*, *funk* e sertanejo, as atrações nas matinês são shows de *drag queens* e dançarinos, além de concursos de bate cabelo entre as/os presentes. Em uma das ocasiões em que estive presente na boate com Andréia, uma importante colaboradora, ela assistia a uma coreografia de uma dupla de jovens dançarinos bastante ovacionada pelos garotos presentes. Incomodada pelas atrações, a garota gritou: “*Cadê mulher aí, porra?*”.



desejavam e disputavam o mesmo companheiro, muitas pessoas relacionadas aos mesmos passaram pelo *grude* logo após sua saída da boate.

Ao discernir violência e *grude* eu enfatizo vetores que tencionam as sociabilidades das garotas e garotos na Área e em outros locais – vetores estes que no caso das/os jovens não resultam em cerceamento da manifestação da diferença, mas sua insistente expressão. O acionamento da sexualidade relacionada a marcadores de classe, gênero, raça e geração é uma das vias para compreensão da disputa entre as garotas e garotos e, ainda, frente a outras/os com quem concorrem aos mesmos espaços na cidade.

Essas/es jovens confrontam dispositivos que instituem suas sexualidades como periféricas e estão protagonizando alterações na dinâmica de utilização do espaço e equipamentos urbanos ao estabelecerem distintas maneiras de se socializarem. A precariedade da segurança pública e a intensidade da violência que lhes acometem podem inclusive intensificar tal processo, posto que a omissão do Estado em assistir a essas/es jovens demanda iniciativas que implicam em criatividade e ousadia a fim de garantir locais e circuitos para usufruto de seus prazeres e lazeres.

Retornando à questão que motivou esta reflexão, respondo-a mais uma vez ao final deste texto ao registrar que, assim como verificado na Área e em relação às demais etnografias citadas, caso fossem interditados os espaços específicos como cinemas, bares, saunas, clubes e boates destinados a esses prazeres dissidentes, manter-se-iam ao menos os encontros e sociabilidades fundamentados na discrição, silêncio, dissimulação, vergonha, invisibilidade e segredo, pois mesmo sob o mais rígido controle, práticas eróticas interditadas continuariam a ocorrer. Contudo, assim como ocorre nas sociabilidades das garotas e garotos da Área, haveria ainda a possibilidade de reconfiguração da cidade e seus espaços, sendo necessária a construção mesmo que provisória de ambientes propícios para sua convivência. As pessoas da Área circulam pela latrina, pela alcova e pelo mercado, mas vão além, pois não fazem desses espaços via compulsória ou exclusiva para experimentar seus afetos, performances e deslocamentos pela cidade.

## Referências

CAPUCHO, Luís. *Cinema Orly*. Rio de Janeiro: Interlúdio Editora, 1999.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado: Universidade Estadual de Campinas, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

LACOMBE, Andrea. "Tu é ruim de transa!" ou como etnografar contextos de sedução lésbica em duas boates GLBT do subúrbio do Rio de Janeiro. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

MATOS, Fernando. Do papai e mamãe ao hardcore: um olhar sobre as práticas pornográficas. In: *II Seminário de Mídia e Cultura*. Goiânia, 2010.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2008.

SILVA, Rogério Araújo da. *Prostituição: artes e manhas do ofício*. Goiânia: Cãnone Editorial, Editora UCG, 2006.

SILVA, Thais Coelho da Silva. *Juventude trans-viada: identidades marcadas invadem a rua*. Dissertação de mestrado: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.